

# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.  
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

## Peregrinação de Novembro 13



A peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima, na Cova da Iria, no dia 13 do mês de Novembro de cada ano, não costuma ser muito concorrida, nem sequer quando o tempo, de céu sem nuvens e de temperatura amena, quasi primavera, como este ano, é de molde a atrair à montanha sagrada grande número de fiéis.

Todavia, o corpo da igreja,

onde se realizaram os actos religiosos oficiais da peregrinação, estava cheio de devotos da gloriosa Rainha aparecida — na sua grande maioria gente do povo da freguesia da Fátima e das freguesias mais próximas.

Nas procissões predominavam os homens que, dispostos em duas longas filas, precediam a veneranda Imagem de Nossa Senhora. Esta foi colocada, no seu andor, na capela-mor do altar provisório, quando principiou a Missa dos doentes.

Celebrou o Santo Sacrificio o

rev. P.º António dos Reis, director espiritual do Seminário de Leiria.

Foi oferecido em primeira intenção a fim de sufragar a alma da Senhora D. Júlia Patacho, directora da Associação das Servitas de Nossa Senhora da Fátima e uma das primeiras Servitas e das mais assíduas e dedicadas, falecida havia apenas cinco dias.

Ajudou à Missa o sr. Coronel Domingos Patacho, viúvo da piedosa finada.

Foi o rev. celebrante que deu a bênção com o Santíssimo Sa-

cramento aos doentes inscritos que eram 33 e que se encontravam num espaço reservado em frente do altar.

No fim da Missa fez a alocução do costume o Rev. P.º Sebastião Couto, da Companhia de Jesus, que tinha vindo à Fátima dar às Servitas um retiro espiritual que durou três dias completos.

No decorrer da procissão que reconduziu a Imagem de Nossa Senhora para a capela das aparições, cantou-se, como de ordinário, o cântico «Adeus».

Enquanto se dava a bênção aos doentes, o rev.º Sr. Cônego Dr. Manuel Marques dos Santos, Vigário Geral de Leiria, fez as invocações habituais. Antes de se iniciar a procissão final, rezou com a multidão a fórmula da consagração ao Imaculado Coração de Maria, composta e pela primeira vez proferida pelo Santo Padre Pio XII, felizmente reinante, em língua portuguesa. As comunhões foram em número aproximado de 700.

Visconde de Montelo

### ACÇÃO CATÓLICA Inteligência da miséria

É preciso conhecer a miséria, para se ir em seu auxílio. Mas não basta o conhecimento; necessária é também a compreensão ou inteligência da miséria, que leva a senti-la profundamente.

Regra geral, os que sentem melhor os males alheios, são os que já passaram por situações iguais ou semelhantes. Se há tantos que sorriem desdenhosamente das doenças nervosas, como se se tratasse de puras fantasias sem importância, é porque nunca as sofreram. Não fora assim, e saberiam o purgatório que elas representam.

Quem algum dia passou crise angustiada de fome, e de frio, e de abandono, e teve dores dramáticas do coração, nas dores dos filhos, dos irmãos, dos pais ou dos esposos, sofrendo de fome, de frio, de abandono, estão em condições de avaliar a tortura daqueles que atravessam crises parecidas. Esses podem ter, com facilidade, a inteligência dessas misérias.

Mas há muitos que, sem terem passado por elas, pela delicadeza dos sentimentos e pelos recursos da fé conseguem ter igualmente essa inteligência — dom precioso que faz debruçar a alma sobre pobres almas torturadas e talvez moribundas.

Desses pôde dizer o Salmista: «Bem-aventurados os que se elevam à compreensão do pobre e do indigente».

Tinha essa compreensão S. Paulo, que escreveu sentidamente: «Quem há aí que sofra sem que eu sofra?»

Antes d'ele já o Mestre divino, olhando a multidão que o seguia sem se arreçar da fome nem dos perigos da jornada, dizia comovidamente: tenho compaixão desta pobre gente. E a favor dela realizou um milagre de misericórdia.

Se há tanta rudeza descarável, tanta gelada indiferença perante os males alheios, é que falta a luz da fé, que faz olhar os pobres como parte do corpo a que também pertencemos, e cuja cabeça é Cristo, Senhor Nosso; é que se endureceu o coração, a ponto de se tornar insensível à dor que trucidou o mundo.

Muitas vezes não se atende nem ao próprio interesse humano, que exige generosidade e justiça. Por isso a onda da revolta cresce e rugue.

Bossuet notou, com razão, que de toda a parte se elevam gritos de miséria que deviam rasgar-nos o coração, mas que nem sequer nos impressionam o ouvido.

Os apóstolos da fé, os apóstolos do bem, dão e dão-se generosamente, porque seguem a luz misteriosa de Deus, porque ouvem a voz profunda do amor.

Dando e dando-se, procedem com aquela delicada discrição que não ofende, pois, na palavra célebre de Isabel Leseur, nada há no mundo mais sagrado do que as almas.

Esses tais possuem a «inteligência da miséria».

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

## DIANTE DO PRESÉPIO



O mundo cristão vai dentro em breve celebrar a festa do Natal ou seja o aniversário do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Outrora junto da gruta de Belém cantavam os anjos «Glória a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade».

Mas os homens não eram dignos nem merecedores dessa paz.

Por isso a paz se afastou do mundo e os homens debatem-se nos horrores de uma guerra sem igual.

O Papa convida-nos a meditarmos nas lições do presépio, lições de amor, de humildade, de pobreza.

Nesta hora tão perturbada precisamos todos de voltar a contemplar amorosamente essas admiráveis lições que o Menino Deus nos deixou. O amor do luxo e da riqueza, a ambição da glória e da honra, o furor do ódio e da destruição combatem-nos de todos os lados.

Nós não somos do mundo: somos de Cristo e no mundo em que vivemos ou damos testemunho de Cristo vivendo a sua doutrina ou o atraiçamos vilmente.

Ouçamos a voz de Deus e o grito da nossa consciência cristã.

Apaguem-se ao contacto do presépio as chamas de ódios e malquerenças.

Ressurja nas nossas almas o zelo da glória de Deus e da salvação das almas para novos cristãos empreendimentos.

Chamam-nos as missões entre infiéis e a nobre causa da Acção Católica para que o dom da Redenção se estenda e aproveite a todo o género humano.

Mas não podemos também esquecer que há na nossa terra lares sem pão e sem alegria, que há gente sem saúde e sem trabalho, que a fome e a miséria se instalaram na vida de muitos.

A voz da Igreja — voz de Deus — o apelo do nosso Governo não-de fazer desentranhar-nos em esmolas para alívio dos que não têm — para que todos tenham muito boas festas em Nosso Senhor Jesus Cristo.

# Caridade espiritual

Apesar do egoísmo e sede de comodidades e de prazeres que cega e endurece os espíritos, encontramos ainda com certa facilidade, no coração humano, a caridade ou misericórdia corporal, aquela que tem por fim consolar e aliviar a miséria física, o sofrimento e a pobreza.

Mas há uma caridade mais alta e mais necessária — é a caridade intelectual ou espiritual que conforta a miséria das almas, a sede das inteligências.

Poucos compreendem que haja chagas mais repelentes que as do corpo, germes mais infecciosos e mais temíveis que os da peste, e que reclamam antissépticos mais energéticos que os da ciência. Estes germes são as idéias anti-religiosas espalhadas no meio ambiente, idéias cujos focos e veículos são os maus livros e maus jornais. Ora para sanar e preservar as almas desta infecção mortal é preciso renovar a atmosfera envenenada em que vivem, criar-lhes um meio de idéias sãs, morais e cristãs e para isso multiplicar e espalhar os bons livros e bons jornais.

O bom livro é um esplêndido apóstolo. Penetra em toda a parte, até naqueles lugares em que o sacerdote não seria sequer tolerado. Num salão ou numa mansarda, na estante duma rapariga moderna ou sobre a mesa de trabalho duma pobre operária, em toda a parte se sente a vontade, em toda a parte tem o direito de dizer tudo, de dar conselhos ou fazer censuras.

O bom livro é mais eloquente e mais poderoso, que um sermão, porque o sermão é limitado pelo tempo e pelo espaço: geralmente não vai além duma hora e é ouvido quando muito por alguns milhares de ouvintes.

Ao passo que o livro tem por si a imensidade e a imortalidade. Preza hoje, pregará amanhã, dentro de dez, cem ou de milhares de anos. Preza em Lisboa mas ao mesmo tempo, pode ser ouvido na Africa, na America ou no extremo Oriente. E assim o bem que as suas páginas encerram, irradia por todo o mundo e perpetua-se.

Há um livro o Evangelho, que tem sido lido e meditado por milhões de almas que nele encontraram o caminho, a verdade e a vida que as salvou. Livro que ilumina, ampara e consola.

## SALDOS!!

de meias, malhas e rouparia Para Beneficência

3 lotes meias seda gase muito finas 10000 5000 e ...	7800
Meias seda tipo natural 19500 e	16950
Meias algodão c/reforço 2950 e	2320
Meias escocia forte 8950 e ...	5880
Meias linho fino 11950 e ...	9350
Peúgas de algodão forte 2880 e	2370
Peúgas fantasia fina 4850 e ...	3350
Blusas georgete estampado, lindos desenhos, c/mangas, liquidam-se ...	50900
Camisas, bom zefir 19950 e ...	17950
Cuecas bon zefir 8970 e ...	8300
Fazendas lá para sala e casaco metro ...	18950
Camisas malha forte brancas	27950
Camisolas p. hom. c/manga	10900
Casacos malha lá várias cores 7590 e ...	5950
Camisolinhas malha fantasia p. menina e menino 24950 e ...	22950

Liquidação de sedas e outros tecidos. PROVINCIA e ILHAS, enviamos amostras e tudo pelo Correio Armazéns de

A Competidora das meias R. Arco Marquês de Alegria, 30.1.

o seu apostolado continuará até ao fim dos tempos.

Quem poderá calcular todo o bem realizado pelos bons livros? As maravilhosas conversões que eles têm feito através de todos os tempos?

Um livro, ou antes uma epistola de S. Paulo, retirou S.<sup>to</sup> Agostinho dos vícios e da heresia dos Maniqueus. Santo Inácio, doente no seu castelo de Loyola e pedindo romances de cavalaria para se distrair, sentiu-se transformado pela leitura da Vida dos Santos. E tantos ilustres convertidos do nosso século, tantas almas que conhecemos de perto sentem na sua vida a marca indelevel das boas leituras.

Benditos apóstolos que iluminam tanta cegueira, que rasgam e alargam novos horizontes a tantas almas enleadas nas estreitas prisões do erro, que inculam e apontam novos e seguros rumos a tantos espíritos perdidos no turbilhão inquieto e insensato de vãs e falsas ideologias.

O bom jornal igualmente fornece aos seus leitores idéias justas e generosas. Apresenta os factos sob o verdadeiro ponto de vista, não recusa estigmatizar o vício e o erro, criando assim no público uma mentalidade sã.

Multipiquemos e propaguemos, pois, os bons jornais e os bons livros. Auxiliemos as obras que os espalham, as bibliotecas e livrarias católicas. Assinemos e façamos com que as pessoas nossas amigas assinem as boas e sãs publicações. Alarguemos o nosso espírito e ilustremos a nossa fé para compreendermos e nos compadecermos da miséria das inteligências e das almas que sofrem e se perdem à falta de pão espiritual.

Senhora da Fátima, protegi e abençoai a boa imprensa e todos os que a ela se dedicam na certeza de que assim trabalham eficazmente para a extensão do reino de Cristo na terra.

MOSS.

## Livros oferecidos à «VOZ DA FATIMA»

«VARSÓVIA, por Pedro Correia Marques.

Como reage o sentimento patriótico de um povo, insucesso da luta titânica, o que dirá um dia a História...

Vol. de 74 págs., Editorial Império, 1944.

«A ALMA DEVOTA DO CORAÇÃO DE MARIA, por um Missionário filho do Imaculado Coração de Maria. 311 páginas.

Edição dos PP. do Coração de Maria.

«TEMAS CORPORATIVOS», por Dr. António Júlio de Castro Fernandes, edição da S. P. N. Lisboa.

Agradecemos os exemplares oferecidos.

## Graças da Jacinta

Sabemos que muitas pessoas têm recebido grandes favores por intercessão da pequenina vidente da Fátima.

Já alguns nos enviaram a notícia o que agradecemos.

Mas há muitos outros que o não fizeram até agora. Vimos pedir o favor de apenas possam, nos enviarem a notícia de novas graças ou curas extraordinárias de que tenham conhecimento certo e pormenorizado. É favor enviá-las ao

Cónego José Galamba de Oliveira — LEIRIA

## Movimento no Santuário

Outubro 12 — Principiou um Curso Catequístico, dirigido pelo Rev.<sup>mo</sup> Arcebispo de Évora, para duas dezenas de senhoras daquela cidade. O curso durou oito dias.

Outubro 20 — Chegou de Badajoz, Madrid, e Sevilha a peregrinação das Marias dos Sacrários Calvários, espanholas, presidida pelo rev. P.<sup>o</sup> Silvestre S. Sanches, reitor da Universidade de Manila, (Filipinas) e dirigida pela sr.<sup>a</sup> Duquesa de Najera. Entre os peregrinos notavam-se as Senhoras Condessa de Santa Luzia, Marquesa de Villajuego e seis peregrinos das Ilhas Canárias. O Sr. Bispo de Leiria veio visitar os peregrinos que retiraram no dia 22.

Novembro 8 — Acompanhado de Sua Ex.<sup>ma</sup> Espósa sr.<sup>a</sup> D. Camilla Schröeter Viana Carneiro Pacheco e de seu filho António, veio ao Santuário em cumprimento de uma promessa o Ex.<sup>mo</sup> Embaixador de Portugal junto da Santa Se, sr. Dr. António Carneiro Pacheco. O Sr. Bispo de Leiria e o Governador Civil do Distrito de Leiria, sr. Dr. Acácio do Paiva, vieram visitar Sua Ex.<sup>ma</sup> O Sr. Bispo fez na manhã do dia 9 missa na Capelinha das Aparições por alma do grande Apóstolo da Fátima D. Luigi Moresco, do «Osservatore Romano» com a assistência dos srs Embaixadores. O rev. Reitor do Santuário enviou um telegrama ao «Osservatore Romano» comunicando a ilustre visita.

Novembro 13 — Principiou o retiro espiritual para as Senhoras Servitas. Foi conferente o rev. P.<sup>o</sup> Sebastião Couto, S. J. Superior do Colégio de Cernache, Coimbra. Ao retiro que terminou na manhã do dia 17 assistiram cerca de 30 servitas e outras senhoras.

Novembro 14 — Esteve também em retiro espiritual durante dois dias o rev. Pároco do Entrocamento, P.<sup>o</sup> Martinho Mourão Gonçalves.



## SALDOS BARATOS!!

interessam a toda a gente!...

Fazendas lá p. <sup>a</sup> vestidos ...	17950
Meias seda fina, 1. <sup>a</sup> escolha ...	10880
Bonitas fazendas fantasia ...	17900
Boas fantasias cardadas ...	13950
Escoetas boa lá, moda ...	24950
Fianelas ramagem p. <sup>a</sup> robes ...	14950

Só nos Armazéns Populares da PRINCESA DAS MEIAS Rua do Crucifixo, 75, 1.<sup>a</sup> Lisboa (Próximo da Igreja N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Vitória)

Meias seda gase, saldo ...	8850
Meias seda fina, 1. <sup>a</sup> escolha ...	10880
Seda c/ escuro, bom artigo ...	13950
Meias seda gase, finissimas ...	12850
Seda gase, malha resistente ...	14900
Peúgas escocia fantasia: 7850 e	6850
Peúgas seda, bonitos padrões ...	10800
Jogos 5 napperons p. <sup>a</sup> bordar	8850
Opaletes cores p. <sup>a</sup> rouparia ...	8850
Casas para cortinas ...	8850
Tecidos cores p. <sup>a</sup> cortinados ...	13880
Lindas blusas lá cardada ...	51850
Véus p. <sup>a</sup> arrendados p. Igreja	17850
Véus tule bordados a seda ...	35800
Toalhas mesa xadrez: 8850 e ...	7850

Provincia e Ilhas, enviamos Amostras Gratis e tudo a contra reembolso!!!

## O valor da Santa Missa

— Se houvésemos de dar a nossa preferência às devoções que mais valém não há dúvida que a santa missa ficaria à frente de todas as grandes devoções genuinamente católicas. Não acha Sr. António?

O interpelado ficou um pouco atrapalhado porque viu nessas palavras um remoque picante ao atraso com que quasi sempre chegava à missa do Domingo e uma censura às suas faltas embora raras. Mas, recobrando a habitual serenidade diz:

— Sim é verdade Sr. João Brás mas olhe que, se chego tarde, é bem contra minha vontade. Sempre gostei de ser pontual.

— Não é isso, Sr. António não é isso. Eu falava das missas de semana que a do Domingo não é de devoção e de obrigação. Faltar à missa sem motivo grave ao Domingo ou ao dia santo de guarda é pecado mortal.

— Pecado mortal?

— Sim, sim

— Pois olhe que eu não sabia disso.

E como eu há muitos.

— Bem, mas faltar à missa de semana não é pecado. O que eu lhe dizia era que, dentre todas as devoções, a santa missa é a melhor.

— Mas porquê? Então o rosário, a Via Sacra...

— Qual rosário, qual Via Sacra. Então o Senhor não vê que a Via Sacra é apenas uma meditação e representação e que a Missa é o próprio sacrificio da cruz continuado nos nossos altares.

— O mesmo?

— O mesmo sacerdote e a mesma vítima — Cristo-Jesus.

É bem claro que a missa em si tem valor infinito, o valor dos merecimentos de Jesus.

— Nunca tinha pensado nisso.

— Não me admire. Hoje pensa-se tão pouco...

— Daqui em diante quero ver se vou mais vezes à missa de semana.

— Mas não falte à dos Domingos e dias santos de guarda.

— Descanse! Mas sempre queria que me dissesse se é mau a gente ter devoção aos Santos e a Nossa Senhora.

— Olhe hoje não tenho tempo que tenho muito que fazer mas queria que fixasse bem na sua lembrança que uma só missa tem mais valor do que os merecimentos todos juntos de todos os Anjos e Santos da corte do céu, porque tem valor infinito.

— Uma só missa... Tem razão... Como a gente andava enganada!...

## Vivamos a nossa fé e esperemos a nossa vida

por Berto Leite

Em sábios conselhos de notável experiência no aperfeiçoamento espiritual quotidiano que os aproxima cada vez mais do céu, dizem os teólogos: vivamos a nossa fé! E chovem exemplos dos benefícios da penitência.

E mostram-se à evidência as vantagens da conformação da vontade unida à de Deus.

Vivamos a nossa fé! Todavia o povo português, até o que parece mais inculto acha ocioso o conselho.

A vontade de Deus está no seu coração. Obedecendo-lhe estão quasi seguros de obedecer sempre ao Senhor.

O povo português vive a sua fé e pretende também esperar a sua vida — vida eterna — porque tem os olhos postos em Nossa Senhora. Tem como certo que na vida dos indivíduos e na história dos povos a única desgraça é não ter a graça de Deus e consequentemente a única inferioridade palpável é a falta de temor de Deus.

Com todo o desenvolvimento científico das primarias mundiais, temos visto cair estrondosamente nações e ruir impérios. De que servirão as ilusões de tantas falsas grandezas temporais?

A custo de desenvencilharão os povos de civilização requintada, que descreem da protecção divina, para fortalecer o orgulho nacional, — das tramas infernais em que o demónio os quer perder.

Entretanto...

Na sua humildade de país cristão, continua Portugal a suplicar ao mundo que se deixe também guiar por aquela maravilhosa estrela aparecida na Cova da Iria que lhe trouxe a paz pela promessa da sua filial devoção...

Portugal continua a rezar, Portugal vive a sua Fé. Portugal espera a sua vida.

E por si, pelos filhos que tem longe e pelos dos outros países repete:

«Nossa Senhora da Fátima, Nossa Senhora da Vida, Salvai-nos, e socorrei-os!»

Quando precise de um jornal diário, o católico deve pedir sempre as «Novidades».

## Império das meias

Av. Almirante Reis, 173-B LISBOA

A primeira casa do país em meias e peúgas!... E via pelo correio para a PROVINCIA e ILHAS, os saldos exclusivos DE MEIAS BARATOS!

Meias seda, muito finas, saldo	7890
Meias seda gase, finissimas 11850 e ...	9800
Meias algodão c/ bom reforço 2850 e ...	2820
Meias escocia, fortes 7850 e	4850
Meias linho autêntico, muito finas: 11850 e ...	9850
Meias seda, tipo natural, tons distintos 24850 e ...	21850

Contem V. Ex.<sup>ma</sup> na escolha dos n.º artigos.

Atendemos todos os pedidos c/ a maior atenção.

## Medalhas Religiosas

encontra-se à venda no Santuário da Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas, assinadas pelo escultor

JOÃO DA SILVA

# Graças de N.ª Senhora da Fátima

## AVISO IMPORTANTE

**Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.**

**De contrário não serão publicados.**

## NO CONTINENTE

**D. Maria de La Salette Varzim da Dunha e Silva, Barcelos,** escreve que Felicidade Vieira Lopes, solteira, de 23 anos de idade, da freguesia de Cristelo, Barcelos, havia mais de dez anos que vinha sofrendo de uma grande anemia, tendo consultado vários médicos sem qualquer resultado. Piando mais, com temperaturas e imenso fastio, foi-lhe declarado pelo médico que teria a sorte de certa rapariga daqueles sitios morta com a tuberculose; e era pena, mas que não resistia. No meio deste desânimo voltou-se para Nossa Senhora da Fátima, fazendo várias promessas entre elas a de tornar pública a sua cura e a de ir à Fátima. Volvidos alguns meses declarou-lhe o mesmo clinico que estava completamente curada e que considerava isso como coisa fora do vulgar.

**D. Ermelinda do Céu Marques Mendes Ribeiro, Perelras de Bodiosa,** diz que tinha peregrinado de uma peregrinação a Fátima. No dia imediato, de manhã, fora surpreendida com a noticia de que a tia Libânia que também tinha ido na peregrinação sofreu um ataque cerebral e se encontrava em estado gravissimo. Foi então que se voltou para Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe com muita fé e fervor pela enferma. Foi atendida a sua prece, pois a doente melhorou e encontra-se completamente restabelecida.

**José Moreira Gomes do Sousa, Penafiel,** diz: «Sofri bastantes anos de uma hernia inguinal que me fazia sofrer muito; tendo recorrido a Nossa Senhora da Fátima, fiquei completamente curado; já passaram três anos e além de não sofrer o menor incômodo, não tenho necessidade de usar cinto. Ficando imensamente grato à Virgem Nossa Senhora, não sei de que forma lhe hei-de agradecer tamanho beneficio.

**D. Maria Olinda de Beja Martins, Mangualde,** diz ter alcançado de Deus uma grande graça por intermédio de Nossa Senhora. Tendo-lhe adoecido uma prima, com quem vive e que muito estima, com uma doença intestinal de aspecto grave, recorreram a todos os medicamentos que o médico assistente cuidadosamente receitava. A doente piorava cada vez mais; fez-se uma conferência medica e volvidos quatro meses sem sentir melhoras foram a Coimbra consultar um especialista que deu as melhores esperanças. Passou-se, entretanto um mês e a enferma não melhorava, antes chegou a tal estado que só uma fatalidade se esperava. Em tal aflicção, lembraram-se de recorrer ao Coração de Nossa Senhora, começando uma novena e prometendo se fôsssem atendidas, se a doente dentro de oito dias principiasse a sentir melhoras e depois se restabelecesse, irem à Fátima agradecer-lhe, dando e pedindo esmolas a todas as pessoas do seu conhecimento, para ali serem entregues a um doctinho pobre em honra de Nossa Senhora. Três dias depois, a enferma melhorou pela primeira vez, melhoras que extraordinariamente se accentuaram e dentro em pouco estava restabelecida e curada. Muito agradecem a Nosso Senhor e a Sua bendita Mãe, cumprindo em 13 de Outubro de 1939, as promessas que lhes deviam.

**D. Clotilde da Silva, Címadãs, Prouença-a-Nova,** tendo um seu filho de dois anos de idade atacado com uma pneumonia e garrotinho, abandonado já clinicamente, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, e logo a criança principiou a melhorar e dentro de poucos dias estava curada. É com a maior gratidão que vem tornar pública tão grande graça.

**D. Antónia Roque das Neves, Soure — Paieão,** vem reconhecidamente agradecer a Nossa Senhora da Fátima a cura de seu filho mais velho que estava paralytico havia 4 meses e depois de ir ao Santuário da Fátima ficou curado da paralytica nada mais sentindo daí em diante. Agradece igualmente o ter boas noticias do seu marido ausente no Brasil, que havia sete anos não escrevia. Depois que recorreu a Nossa Senhora logo as obteve.

**D. Mariana da Natividade Fonseca Amaral Gomes, Caria,** diz: «Há três anos aproximadamente senti-me incomodada com um quisto nas costas e nessa ocasião recorri ao medico que me queimou com pontas de fogo. No ano passado começou a doer-me dizendo-me o medico que precisava ser operada, mas como a ocasião não fosse oportuna recorri então a Nossa Senhora da Fátima, fazendo uma novena e applicando água da Fátima. Como por encanto, comecei logo a sentir grandes melhoras a pontos do não mais me incomodar; fui de novo ao medico que me declarou estar absolutamente curada, sem ser precisa a intervenção cirúrgica. Reconhecida a Nossa Senhora venho tornar pública tal graça para sua maior glória».

**D. Fernanda da Conceição, S. Pedro do Sul,** escreve: «Venho agradecer a Nossa Senhora da Fátima tres graças que me alcançou. A primeira foi curar-me de uma doença que me incomodava bastante. A segunda: tenho um filho seminarista a quem pegava um bocadinho a lingua, fazendo-lhe bastante diferença. Recorri a Nossa Senhora prometendo dar tres voltas de joelhos na capelinha das Aparições, o que já cumpriri em maio deste ano, e o meu filho agora fala regularmente, pouco ou nada se reconhece, e ficou bem nos exames. A terceira: ao mesmo meu filho appareceu-lhe no nariz uma boizazita do feitio de um cravo. Andou a tratar-se bastante tempo e teve de ser operado ficando entretanto com um orificio naquele lugar. Todos os dias ao fazer-lhe o curativo applicava-lhe algumas gotas de água da Fátima; de dia para dia via-se melhorar, mas ainda não voltou curado para o Seminário donde passados dois dias me escreveu que ao tirar o penso, a ferida estava completamente gá. Em 24 de Agosto de 1939.

**D. Lisboa Folgado Matos, Porto,** diz que seu marido tinha frequentes ataques epiléticos e várias vezes das ruas era levado ao Hospital para tratar os fermentos das quedas provocadas por tal enfermidade. No dia 13 de Maio de 1938, sabendo da cura miraculosa do paralytico de Lisboa, encheu-se de fé e pediu fervorosamente à Mãe do Céu a cura do seu marido. Effectivamente desde aquella data nunca mais voltou a ter tais ataques, volvido já um ano, e sem tomar quaisquer medicamentos que anteriormente tomava.

**D. Idalina Correia Moraes, Mangualde,** tendo sido internada no Hospital Agostinho Ribeiro, daquela vila, para ser sujeita a uma dolorosa operação que consistia na respagem do osso de uma perna, recorreu a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe que a intervenção cirúrgica fôsse evitada. Quando efectivamente os médicos se preparavam para a operar, verificaram, com espanto, que já não era preciso, o que tudo attribui a uma graça de Nossa Senhora. Em agradecimento, logo que pôde foi visitar uma imagem de Nossa Senhora da Fátima, oferecendo-lhe uma esmola na medida dos seus fracos

recursos. Promessa que cumpriu no dia 12 de Setembro de 1939.

**D. Maria de Nazaré Rosa, Sobral da Lagoa, Obidos, 13-IX-1939,** diz: «Estando o meu marido, Joaquim Gomes Rosa, muito mal em 1931, simultaneamente com uma pneumonia dupla, uma infecção intestinal e uma pleurisia, foi tratado por um distincto medico de Obidos que me desenganou. De noite recebeu os últimos sacramentos. Então vendo-me nesta aflicção pedi a Nossa Senhora da Fátima que me valesse fazendo varias promessas, entre as quais a de me confessar, comungar e rezar o rosário aos pés da Imagem da Santissima Virgem. Nossa Senhora da Fátima ouviu a minha súplica e curou meu marido. Cheia de gratidão venho tornar publico o meu agradecimento por tão insigne graça».

## Agradecem a Nossa Senhora da Fátima as graças recebidas

- Luis de Meneses, Braga.
- Manuel Ferreira do Rosario, S. Jorge, Açores.
- Jose Dias Mego, Lagoa (Algarve).
- D. Maria da Luz M. Salgado, Ponta Delgada.
- D. Maria da E. L. Toia, Flores.
- D. Maria Guerra Santa Ana Amaral, Horta, Faial.
- Manuel Antonio de Oliveira, Quiraz — Vinhais.
- Jeronymo de Almeida Frias, Castendo.
- D. Hda da Silva E. Godefroy Bastos, Lisboa.
- D. Maria da Ajuda, Graciosa.
- D. Margarida de Quadros Ortins, ibidem.
- D. Maria Victoria Ortins, ibidem.
- Amazoa Lagos Henriques Pradizela.
- D. Joaquina dos Santos, Lisboa.
- D. Maria Joana Raposo, Açores.
- D. Maria Amena Correia de Sá, Famacião.
- D. Ana Luisa Correia da Cunha, S. Jorge, (Açores).
- D. Maria aos Anjos Coelho, Covilhã.
- D. Clotilde do Céu e Sousa, S.ª Maria de Bouro.
- D. Maria F. do C. de Jesus, Toledo.
- D. Inês A. F., Angra.

## VOZ DA FATIMA

DESPESAS	
Transporte ... ..	2.729.247\$10
Papel, comp. imp. do n.º 266 ... ..	30.573\$40
Franq. Emb. Transporte do n.º 266 ... ..	6.403\$93
Na Administração ... ..	300\$00
<b>Total ... ..</b>	<b>2.766.524\$43</b>

## Esmolas desde 15\$00

- D. E. Augusta Corte Real, Avanca, 30\$00; D. Maria de Jesus Moraes, Ponta Delgada, 30\$00; D. Amélia Amaro, Beira, A. O. P., 93\$50; Professor Luiz, Barcelona, 20\$00; Dr. Alarcão, A da Rainha, 20\$00; Padres Dominicantes, Cadiz, 20\$00; D. Rosa de Jesus Ferreira, Oliveirinha, 120\$00; D. Maria Emilia Póvoa T. e Silva, Mangualde, 20\$50; Joaquim Maria da Silva Nobrega, Quilagos, 15\$00; D. Maria Elvira Bermudo, Cantanhede, 20\$; D. Elvira da G. Correia Amaral, Ribeirinha (Açores), 100\$00; D. Matilde de Alzira de S. Nobrega, Câmara de Lobos, 15\$00; Anónima, Famacião, 20\$00; Belmiro Valente, Avanca, 15\$00; Juan Zuruel, Barcelona, 100\$; D. Elvira Nunes Fonseca, Lisboa, 50\$00; D. Maria do Carmo Reis Viegas, Oihão, 17\$00; M. E. Afonso, Sabrosa, 31\$00; D. Albertina de Lima Branco, Matozinhos, 20\$00; Miguel Pedro Fialho Pinto, Moura, 20\$00; D. Elvira da Conceição Neves, Estoril, 25\$00; José Fernandes de Almeida, Vimieiro, 15\$00; D. Judite de Queija Aires, Gondomar, 20\$00; D. Beatriz Santos, Lapa, 20\$00 Américo Goulart Garcia, Madalena, Terra do Pão.

# CONTO DO NATAL

## Foi o Menino Jesus

— Tu não és filho da costureira da «avena do 49?»

— Sou, sim senhor... E o pequeno que ia a sair da mercearia com cem gramas de café num pacotinho espetado na mãozinha fechada, roxa de frio, voltou-se com esperança de apanhar qualquer gulodice. Era véspera de Natal e, a bem dizer todo o bairro conhecia a pobreza de mãe e as dificuldades com que o mantinha a mãe e mais quatro irmãos.

— Mas o anafado merceeiro ficava-se esfregando as mãos — que a freguesia naquela hora matutina era ainda escassa — e perguntava: — E noticias do teu pai?... Nunca mais souberam dele?

O Pedrito afogueou-se. Para a sua consciencia recta, para o seu coração affectivo, o procedimento do pai que havia dois anos tinha abandonado o lar era uma vergonha, um pesar profundo, dolorosissimo.

Quem lhe dera poder encobrir a todos essa vergonha, esse pesar! Mas mentir, nunca!

Baixando o olhar, respondeu, pois, com voz sumida:

— Não, senhor... Então o homem, tocado talvez dos sentimentos que transpareciam na criança, acerrou-se dele e de modo que o marcano e os dois ou tres fregueses presentes não ouvissem, disse-lhe:

— Pois sei eu! Sabes? interrogou o Pedrito alvoroçado.

— Está na fábrica das Telheiras. Foi até lá no domingo, numa passadeira, e vi-o e soube que estava lá empregado.

— Muito obrigado, sr. Simão, muito obrigado...

Sem esperar mais porque sentia o coração a saltar-lhe do peito e os soluços a embargarem-lhe a voz, o pequeno saiu.

No passico deteve-se um momento. Respirou fundo o ar cortante e sentiu-se mais calmo, a raciocinar como um homenzinho.

Seria melhor dizer tudo à mãe?... Para quê? Para ela se ralar ainda mais sabendo-o com trabalho e sem lhe importar que os filhos morressem de fome?... Seria melhor escrever-lhe sem que a mãe soubesse?... Seria melhor ir procurá-lo?...

A este pensamento o coração do Pedrito começou a bater com tal violencia que quasi o sufocava.

Deu alguns passos cambaleante e de novo parou, serenou, reflectiu e resolveu:

— Vou procurá-lo!... Hei-de trazê-lo!

— Não! corrigiu sorrindo docemente para a negra de céu cinzento que se avistava lá em cima entre o alto casario. Quem há-de trazê-lo é o Menino Jesus!... Já me não lembrava! Amanhã é o Dia de Natal... Logo é a Noite de Natal... Vou pedir essa prenda ao Menino Jesus!

— Mãezinha... vou dar uma volta por essas ruas... sim? Pode ser que me deem alguma coisa...

— Vai, filho... leva a Lena e o Zézé... Assim os três sempre farão mais vontade de dar...

— Não, mãezinha... agora deixem-me ir só...

— Se a pobre mulher não estivesse tão absorvida pela costura que corria na máquina a toda a velocidade, teria decerto estranhado as palavras, e o tom em que foram ditas entre resolutio e supplicante.

— Se queres vou eu por outro lado com os manos — acudiu a mais velhita do rancho, a Guida.

— Pois sim... vão lá todos... Vão com juizo e Nossa Senhora os acompanharde...

— Fique descansada, mãezinha — disse a Margarida.

O Pedrito, esse, não pôde articular palavra de comovido que estava. Chegou-se ao pé da mãe, deu-lhe um beijo, apertando os braços contra si, a resistir ao desejo de se lançar nos daquela para quem nunca tinha tido o menor segredo, e abalou porta fora.

— Telheiras... Telheiras... para que lado será? — ia monologando.

Preguntou ao primeiro policia que topou no caminho e dentro de meia hora estava fora da cidade na estrada em que devia ainda caminhar tres quilómetros antes de alcançar a fábrica.

— Já a correr, a correr...

O dia estava tão escuro que só lhe parecia que a noite vinha em breve. A comoção não lhe permitia qualquer consideração sobre a hora. Na sua cabeceira, no seu coração, um só desejo, um só cuidado: ir depressa, trazê-lo depressa.

Corria sempre... Lá estava a fábrica com as suas chaminés muito altas que dir-se-ia roçar nas grossas nuvens cor de chumbo.

Corria sempre... Não! Já não corria tanto...

Alagado em suor de fadiga e de fraqueza — que mal tinha enganado o estômago com uma pinga de café e um pedacito de pão, o coração palpitando desordenado, a vista turva...

— Que é isto? Que é?...

Não teve tempo para mais. O chão faltou-lhe sob os pezinhos inchados, soltou um gemido e resvalou sem sentidos na valeta lamacenta das chuvadas dos dias anteriores...

Quando o Pedrito voltou a si, encontrou-se numa fofo cama, em luxuoso quarto, cercado de rostos que aguardavam enternecidos e ansiosos o seu despertar. Não tardou que a invulgar intelligencia da criança os identificasse: era em primeiro lugar o medico, um senhor idoso, de óculos, que lhe tomava o pulso; outro ainda novo que devia ser o dono da casa; uma senhora — a esposa, sem dúvida — e uma criada que entrava e saia atarefada...

Mas ao fundo do quarto havia mais alguém... algum que não ouzava aproximar-se... Um homem que ele muito bem conhecia...

Mas quem?... Quem?...

Como o sol mais radioso que subitamente rasgasse as mais densas nuvens, fez-se luz no espirito do Pedrito que soltou um brado:

— Pai!

Então aquêle homem, perdendo por completo o acanbamento que o conservava afastado, precipitou-se para o leito, abrindo sem respeito o caminho por entre os que rodeavam o filho, soergueu-o e estreitou-o soffregamente contra o peito...

— Pai... paizinho — continuava a criança entre beijos e abraços. Foi o Menino Jesus, sabes?... O paizinho há-de ser também amigo dele, sim?...

— Sim, meu filho — soluçava o homem. Já o sou...

E endireitando-se e apontando o dono da casa:

— Foi este senhor, o meu querido patrão, que me ensinou a amá-lo... E eu já lhe tinha prometido — a ambos — ir hoje ter contigo, com a mãezinha, com os teus irmãos... e passarmos o Natal juntos...

— E toda a vida! — atalhou alegremente o jovem industrial. Vem todos para aqui... De alguma maneira cá se hão-de acomodar...

Quanto ao Pedrito não se cansava de repetir:

— Foi o Menino Jesus!...

M. de F.

# O perigo da preparação da paz

A avaliar pelas gazetas, teremos ainda guerra por alguns meses; é mesmo provável que vá até princípios do próximo verão.

Disse-o, há pouco, Churchill, um dos seus mais categorizados chefes, ao mesmo tempo que fazia o anúncio de vitória à vista. Com sentido aproximado manifestaram-se também outros chefes igualmente categorizados como Roosevelt, Goebbels, e De Gaulle.

A guerra, porém, tem caminhos que só Deus conhece no seu conjunto; os acontecimentos, que provoca, irrompem quasi sempre por sobre a vontade e a previsão dos homens.

Sabe-se lá, pois, como e até onde tudo isto irá!

A paz exige essencialmente a cooperação humana; é preciso merecê-la pelas disposições de vida interior de cada um, mas Deus é sempre quem a dá.

Surpreende, por isso, que a actual guerra se prolongue sem que, até agora, ao menos, se tenha empreendido officiosamente uma apreciação de factos tornada pública para condições que dispusessem à paz de conformidade com as oportunas e providenciais sugestões do Santo Padre Pio XII.

E isto numa guerra que é da maior dor e destruição que tem tido o Mundo!

Entretanto, nesta altura, já com cinco anos de guerra, as vozes de comando soam intransigentemente.

De uns: «Nenhuma rendição do inimigo que não seja incondicional e à discreção!»

E de outros: «Lutar, a todo o transe, até à vitória!»

Em semelhante estado de alma o futuro mostra-se envolto de negras sombras. Assim, mal merecemos a paz. A campanha das armas exalta-se de paixões e de ódios; ainda ela não está finda e já se descobrem, em consequência, perigos que urge afastar para não andarmos suspensos de uma ilusão de paz.

Um destes perigos está em exércitos de vários Estados em luta terem passado, por vicissitudes da guerra e por movimentos nacionais internos, a combater exércitos de Estados, a cujo lado combatiam pouco antes; e vice-versa.

Com as mudanças de governo que por esta maneira se determinaram e pela divisão em partidos de patriotas intransigentes e de colaboracionistas com estrangeiros, os súbditos desses Estados envolveram-se em represálias e ódios uns contra os outros, em quadros sociais que parecem precursores de lutas gerais intestinas. É com este rasto que muitos dos Estados se preparam para a paz!

Outro perigo é a tendência já manifestada da manutenção da paz do Mundo ficar a cargo de uma organização internacional de quatro ou cinco das maiores potências.

Ora, tudo o que não seja uma organização de todos os Estados com igualdade de direitos e de voto para uma tal missão, é cair apenas numa ilusão de paz. Seria o império da força, pôsto no

pendor natural das ambições absorventes, sobre os mais povos.

A paz, para ser assegurada, só o pode ser pela supremacia do espirito; e as grandes Potências, se concorrem mais facilmente, pelo poder das suas iniciativas económicas, para o desenvolvimento da Civilização material, os pequenos Estados, em compensação, são mais de molde a favorecer a civilização moral pela acção dos factores espirituais.

Não esquecer que, entre os pequenos Estados, está o da Cidade do Vaticano, condicionando a sede da Igreja, primeira potência espiritual do Mundo, e junto do qual se encontram representados quasi todos os outros Estados, muitos dos quais com religião oficial diferente, e dizemos «religião oficial», porque de facto, os católicos e as suas organizações estão em todas as superfícies do globo.

O Catolicismo, pelo que tem de divino e pela sua moral perfeita, é a mais forte garantia da paz em todos os tempos e em todas as circunstâncias.

Não há paz estável sobre a terra sem o reconhecimento de erros comuns a emendar e sem o respeito de um mesmo fundo humano em todos os povos, para que nos ajudemos sinceramente na consecução de um melhor destino.

Neste trabalho difficil, mas compensador, tem estado sempre a Igreja que, por isso mesmo, se apelida de *militante*.

A. Linc Netto

# Morto que fala

Faleceu recentemente no Pôrto, o rev. Domingos Moreira de Azevedo, abade de Campanhã, uma das figuras mais límpidas e prestigiosas do clero da diocese.

O que é a vida, mesmo para aqueles que, advertidos pela doença, já não podem ter grande confiança nela! Aparentemente bem disposto e feliz, o abade Moreira de Azevedo assistira a uma sessão solene em honra do santo Condestável, em que falou eloquentemente o rev. dr. Xavier Coutinho, professor do Seminário do Pôrto. Algumas horas depois, ia-se apressadamente deste mundo para o outro. Esteve quasi a ponto de morrer em plena festa, nos braços dos seus paroquianos, que lhe tributaram sempre estima e veneração. Logo no início da sua missão pastoral o Padre Moreira de Azevedo teve ensejo de dar aos seus colegas um luminoso exemplo, muito para ser lembrado, se é que já anda um tanto ou quanto esquecido... Até importa aos mortos que a memória do bem seja mais viva e tenaz do que a memória do mal.

Tanto que teve conhecimento da primeira Pastoral colectiva do Episcopado português, depois da implantação da república, Afonso Costa, que era por esse tempo uma espécie de anti-papa insolente e audacioso, proibiu a sua leitura em todas as igrejas do país. Não se deteve diante da doutrina que ela continha, tão elevada e tão conciliadora, nem tão pouco diante do radioso prestigio dos nomes que a assinavam: D. António Mendes Melo, D. Augusto Eduardo Nunes, D. António Barroso, D. Manuel Correia de Bastos Pina, D. António Barbosa Leão, D. Manuel Vieira de Matos...

Ameaçavam a desobediência sanções de inflexível dureza, expressamente destinadas a intimidar o clero paroquial. Em tempos conturbados por truculentas paixões políticas, a vara da justiça é quasi sempre, para os que não são da grei, um azorrague.

Pois bem; apesar das intimidações e ameaças, logo no primeiro domingo posterior à sua publicação a Pastoral foi lida por muitos padres dentro das suas igrejas, para que o povo soubesse que nelas se erguia ainda a cadeira da verdade.

Na diocese do Pôrto, três destes sacerdotes foram logo presos e conduzidos, sabe Deus como, às cadeias civis da leal e invicta cidade.

Citemos-lhes respeitadamente os nomes, que devem ficar, como traços luminosos nos fastos da Igreja portugalense. Albino Teixeira da Silva, pároco de Toutosa, Jaime Alves Machado, pároco de Paredes de Viaduros, no Marco de Canaveses, e Domingos Moreira de Azevedo, pároco de Penafiel. Na consciência destes padres, sem hesitações nem reservas, a voz de comando não foi a voz de Afonso Costa, mas a voz do seu Prelado. Honra lhes seja por isso!

Depois da leitura da Pastoral no segundo domingo posterior à sua publicação, dezenas e dezenas de padres vieram sob prisão para as cadeias do Pôrto. Mas os primeiros a chegar, a abrir o espinhoso caminho foram os três que, há pouco, tivemos ocasião de citar.

O abade Moreira de Azevedo foi preso na sua igreja pelo administrador do concelho e disse-se então que, mal apareceu na rua, um grupo de fanáticos do regimen, quasi todos adesivos, o cobriu de chufas e de improperios, se é que não foram mais além, certos da impunidade.

O caminho do Calvário. A Paixão de Jesus vivida e prolongada...

Depois de visitar estes três sacerdotes na cadeia, alguém disse a D. António Barroso: — «Tive muita pena deles. Naquela casa!...» — «Não tenha pena. Cumpriram o seu dever. A nossa missão agora é essa. Qualquer dia levam-me também para lá».

Por trás de uma fisionomia fina e doce e de maneiras comedidas e

delicadas, o abade Domingos Moreira de Azevedo tinha uma alma incontaminada e viril, capaz de pôr a sua fé, se tanto fôsse mister, numa confissão heróica.

Pouco depois de passar pelas cadeias foi nomeado pároco de Campanhã — promovido por distincção.

Nesta freguesia foi, como todos esperavam, o bom pastor, verdadeiramente modelar no zelo, no tacto e na bondade. Reorganizou a vida paroquial, avivando um fogo quasi morto, fez obras que beneficiaram muito a igreja, entrou na posse da antiga residência, construiu uma casa expressamente destinada a obras sociais e religiosas e levou às ilhas e bairros pobres uma acção caritativa, fecunda e abençoada.

O que ele fez para atenuar entre os seus paroquianos os efeitos da crise do desemprego, que o cônego Cardyn descrevia com tão viva e lancinante eloquência! Os passos que deu! Os pedidos que formulou! as influências que procurou mobilizar a benefício dos que não tinham trabalho!

Foi por tudo isto que os paroquianos do abade Moreira de Azevedo o amortalharam há pouco em bênçãos e saudades.

Deus o tenha em bom lugar e que o clero do Pôrto não esqueça o seu nome e o seu exemplo!

Correia Pinto

## PALAVRAS DE UM MÉDICO

(3.ª Série)

# Montanha e planície

A vida de uma família é como a travessia de uma serra.

Em crianças, partimos, com nossos irmãos, da profundidade do vale, e iniciamos a subida da encosta. Olhando para cima, vemos, a meio dela, os nossos Pais, ofegantes, de cruz às costas. Lá em cima, os Avós preparam-se para a descida da outra vertente.

E, pouco a pouco, vamos trepando até ao cume da montanha. A meio da jornada, «no meio do caminho da nossa vida», olhando para diante, lá estão, na fatal descida, a meio da outra encosta, os pobres Pais. Mais ao longe, quasi no fundo, terminam os Avós a descida; e, algumas vezes, já no vale, desaparecem os Bisavós.

Do alto da serra, olhando para trás, divisamos os Filhos, trepando a encosta, como nós outrora, cheios de confiança; atrás deles, iniciam os Netos a fatal carreira e, às vezes, já surgiram os Bisnetos no fundo do vale.

Tudo se passa no tempo diminutíssimo de menos de um século.

Podemos conviver com quatro ou seis gerações, mas nunca podem encontrar-se ao mesmo tempo todos os seus membros.

Os que estão de um lado da montanha não podem ver todos os que estão na outra vertente. Por velhice, ou por acidentes traiçoeiros da jornada, todos vão caindo um a um.

Mas há uma força que pode transformar a serra em planície, que pode mudar um século num instante: é a memória, que faz juntar vivos e mortos, num ambiente de saudade, que, ao mesmo tempo, nos reconforta e nos punge a alma...

J. A. Piras de Lima

Este número foi visado pela Censura

## CRÓNICA FINANCEIRA

Quando a guerra actual começou, houve quem espelhasse pelo mundo que no fim dela o ouro deixaria de ter valor. Sempre nos insurgimos contra essa idéa que reputávamos e reputamos absurda, porque o ouro há-de ter sempre valor enquanto houver quem o queira e até hoje ainda não vimos ninguém que o botasse fora. Pelo contrário, o que vemos por esse mundo de Cristo, é que todas as nações o procuram sôfregamente e que, acabada a guerra, quem não tiver ouro ou coisa que o valha, nada poderá comprar no estrangeiro. O ouro, mais que nunca, ocupará o primeiro lugar na escala dos valores internacionais.

Em toda a parte o ouro é avidamente procurado pelos Bancos Centrais e pelos Governos que o guardam qvaramente e só o vendem mediante formalidades complicadas e em doses muito regradas. Portugal é talvez o único país do mundo, onde os cidadãos podem comprar ouro à discreção e a preço excepcionalmente favorável. Esta situação única, parece não ter sido ainda devidamente apreciada pelo público, e muito principalmente pelos lavradores que têm podido forrar algum vintém.

Para se poder fazer uma idéa do que vale, esta regalia, veja-se o que se passa por esses países da Europa, em que o público está com os bolsos cheios de dinheiro, mas sem ter nada que comprar, porque tudo está racionalado, e de ouro, prata e pedras preciosas, nem cheiro! Tanto faz ter dinheiro, como não o ter, porque não serve para nada!

Na Bélgica acaba de se dar um facto curioso. Com a emissão dos

alemães, toda a organização do racionamento se desfêz e o público teve de recorrer exclusivamente ao mercado negro por preços elevadíssimos. Mas os lavradores desconfiaram da fartura e resolveram fechar-se com os seus produtos e não vender por nenhum preço. Porquê?

Ao certo nem eles mesmos o sabem bem. Não quiseram vender, porque se apôsou deles a desconfiança do dinheiro, dizem alguns, e é de crer que assim fôsse, visto que não tinham onde o aplicar. E a verdade é que acertaram porque veio o Governo nacional e zás! foi-se às notas grandes e pô-las de quarentena. Quem as tinha foi obrigado a manifestá-las. Os depósitos nos Bancos foram também bloqueados e o resultado foi que, quem tinha notas grandes (de 100 francos eu mais) e depósitos nos Bancos, só ficou a dispor livremente de 10 por cento da sua importância. O resto foi bloqueado pelo Governo e é de crer que se suma por qualquer alçapão, porque o fim em vista é retirar da circulação o dinheiro que lá andava a mais.

Andava é como quem diz, porque, para o dinheiro andar, era preciso que houvesse quem comprasse com elle. O dinheiro na Bélgica não andava, estava parado, no pé-de-meia dos finários, à espera do momento de poder andar. Mas antes que a oportunidade chegasse, o Governo cortou-lhe as pernas e os finários ficaram a ver navios. E digamos agora o leitor se não é grande regalia para quem tem dinheiro, ter em que o aplicar...

Pacheco de Amorim

## TIRAGEM DA «VOZ DA FÁTIMA»

NO MÊS DE NOVEMBRO

Algarve	9.083
Angra	21.579
Aveiro	9.511
Beja	6.068
Braga	82.272
Bragança	17.503
Coimbra	16.147
Évora	4.995
Funchal	14.266
Guarda	18.497
Lamego	11.926
Leiria	14.701
Lisboa	15.959
Portalegre	14.164
Pôrto	53.093
Vila Real	25.559
Viscu	11.045

Estrangeiro	346.368
Diversos	3.922
	10.910
	361.200

PRESEPIOS com 6 figuras, por 35\$00. Pastores a 7\$00, reis a 15\$00, ovelhas a 2\$00, e outras figuras.

Vende a Gráfica — Leiria.

NOVIDADES são um jornal moderno, de larga informação e de segura doutrinação católica.